



A ESCOLA EM PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO POPULAR: OS PROFISSIONAIS DOCENTES COMO PROMOTORES DE DIÁLOGO E EXPERIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

MORAES, Ana Paula de¹; KAPP, Bruna Maria²

Resumo: A sociedade atual possui um padrão que, com contribuição da mídia, fortalece os interesses econômicos e dissemina comportamentos individualistas, sendo que esse domínio reflete na educação de forma opressora, tornando os sujeitos alienados e sem oportunidade de questionar e mudar essa realidade. Outrora, a educação popular surge como uma esperança de mudança, visto que promove a emancipação dos sujeitos, tornando-os atores sociais com livre expressão e capazes de sair do individualismo, buscando a reflexão e propondo novas alternativas para a realidade em que vive. Diante disso, o profissional docente e a instituição de ensino devem colocar a criança como centro do processo educativo, em perspectiva de uma educação popular, realizando um trabalho focado no sujeito cultural que pertence a uma realidade distinta.

Palavras- Chave: Educação Popular. Escola. Infância. Professor.

Abstract: Today's society has a standard that, with the media's contribution, strengthens economic interests and disseminates individualistic behaviors, and this domain reflects in oppressive education, making subjects alienated and unopposed to question and change that reality. Formerly, popular education emerges as a hope for change, since it promotes the emancipation of the subjects, making them social actors with free expression and able to get out of individualism, seeking reflection and proposing new alternatives to the reality in which they live. Faced with this, the teaching profession and the teaching education should place the child as the center of the educational process, in the perspective of a popular education, performing a work focused on the cultural subject that belongs to a different reality.

Keywords: Popular Education. School. Childhood. Teacher.

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Unijuí. anapaulademoraes12@gmail.com;

² Graduada em Pedagogia pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Unijuí. bruna.kapp@hotmail.com



XVIII

Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL

II Mestrado de Tecnologias
na Educação a Distância
III Mestrado de Trabalhos
Científicos do PIBIC
VI Curso de Práticas Socioculturais
Interdisciplinares
VIII Encontro Estadual de
Formação de Professores



A atualidade é marcada por um modelo de sociedade no qual o individualismo e a competitividade introduzem uma hegemonização cultural, havendo o fortalecimento e a disseminação dos interesses econômicos entre os indivíduos. Concomitante a isso, a mídia expõe padrões de comportamento e de vida, primeiramente vistos como atraentes, que são aceitos pelas pessoas e acabam por aprisioná-las ao criar necessidades que só servem para difundir ainda mais a desigualdade social e a monetarização da vida. Uma educação nesses moldes é opressora, não dando vez e voz aos seres humanos, não valorizando sua cultura, e ao mesmo tempo transmitindo conceitos considerados corretos.

Há de se considerar, porém, que os seres humanos são sujeitos culturais e que possuem uma bagagem de conhecimentos que não pode ser descartada. O homem se humaniza nas relações que estabelece com outros homens, nas experiências e no contato com o mundo que o cerca, sendo que uma sociedade considerada ideal deveria levar em conta esses aspectos para promover o bem estar e o desenvolvimento de todos. A sociedade almejada é o oposto da individualista e opressora, visto que promoveria as relações sociais e a cooperação entre os seres humanos.

Quando ouvimos falar em Educação Popular, logo, nos vem a mente algo voltado ao povo, ao popular. Percebemos que a Educação popular vai muito além do simples fato de alfabetizar ou instruir alguém com menos condições de vida, que tem raízes profundas, que procuram valorizar os saberes de um povo, compreendendo seu contexto, bem como, sua cultura. Vale ressaltar que são muitas as culturas que existem, portanto, pensar alternativas que valorizem os saberes já existentes e a construção de novos nos faz refletir sobre nós mesmos, de onde viemos e como somos constituídos.

Perante essa realidade complexa, a educação popular vem como promotora de mudanças e incentivadora para um olhar diferente diante dessa sociedade opressora e individualista. Esse processo de mudança promovido pela educação popular coloca os sujeitos como atores sociais capazes de romper com o individualismo e construir um mundo mais justo e mais humano, sendo uma educação para a liberdade e para o reconhecimento dos direitos dos seres humanos. De acordo com Bauman (2011), os sujeitos precisam de coragem para lutar com obstinação pelo que querem, na esperança de um mundo mais fraterno, e a educação popular dispõe destas três armas – esperança, coragem e obstinação – para agir em prol de mudanças na realidade.



XVIII

Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL

II Mestrado de Tecnologias
na Educação a Distância
III Mestrado de Trabalhos
Científicos do PIBID
VI Curso de Práticas Socioculturais
Interdisciplinares
VIII Encontro Estadual de
Formação de Professores



Falar de Educação é referir-se a algo não definitivo, não podemos conceituar a Educação em um só padrão. A Educação tem diferentes faces, com sujeitos de várias culturas, grupos sociais e classes pensar em educação nos tempos atuais, em uma sociedade que muda constantemente, em processos diferenciados é ir além do nosso entendimento como seres em construção.

Pensar a Educação em perspectiva popular requer de nós educadores uma compreensão mais invasiva, que busca saber e compreender os mais variados contextos, trazendo para cada situação contribuições que possam valorizar os conhecimentos que perpetuam pelos indivíduos. A Educação e a Educação Popular trazem para o debate as movimentações que se manifestam na sociedade, materializando diálogos que possibilitam o entrelaçamento da realidade cultural de um povo.

O homem, ao nascer, é inserido em uma cultura com trabalhos, costumes e relações específicos, sendo uma consciência histórica e que ele pode inclusive transcender, criticar ou aderir. Sobre isso, Brandão (1985) concorda com Paulo Freire ao refletir sobre uma concepção política do trabalho do homem, isso porque o homem conquista o mundo, sendo este não apenas dado, mas com necessidade de ser provocador, interacionista e desafiador.

A educação, nesse sentido, também deveria ser instigadora, desafiadora e baseada nas interações entre os sujeitos, pois para a educação a valorização de todas as culturas presentes na escola é essencial, visto que o processo de conscientização dos educandos como pertencentes a uma sociedade diversa se dá com o diálogo e este não é solto, só existe quando há relações sociais diretas e a participação de todos no trabalho.

Brandão (1985, p.78) relembra que

Dentro da cultura do povo há um saber; no fio de história que torna este saber vivo e continuamente transmitido entre pessoas e grupos há uma educação. É a partir destas redes de trabalho popular de cultura que o educador popular deve situar seu trabalho através da cultura. Ele não tem o direito de invadir, como um colonizador bem-intencionado, esses domínios de educação e saber da cultura do povo.

Neste sentido, realizar uma educação pautada no popular vem como um resgate do saber histórico e cultural que perpassa as gerações, valorizando o povo e seus saberes como um todo, e não apenas utilizando-os para trabalhar em prol de seus interesses. Na educação popular os educadores possuem um papel relevante por mostrar indignação perante a realidade de uma globalização individualista, dando oportunidade para que os sujeitos tenham vez e voz, tornando-os protagonistas deste processo educativo que busca mudanças na sociedade.



XVIII

Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL

II Mestrado de Tecnologias
na Educação a Distância
III Mestrado de Trabalhos
Científicos do PIBIC
VI Curso de Práticas Socioculturais
Interdisciplinares
VIII Encontro Estadual de
Formação de Professores



Se faz necessário promover a problematização dessa realidade opressora, instigando o debate e o diálogo, mostrando os caminhos para a busca da mudança, considerando os saberes populares e as experiências culturais em uma reciprocidade de escuta e resposta que gerem cooperação e trocas entre os sujeitos, pois conforme Candau (2008), a troca de saberes e a relação do sujeito com seus pares aponta os rumos de uma sociedade baseada na coletividade e valorização dos seres humanos.

A ação de voltar-se para o outro e de vê-lo como sujeito de conhecimento com capacidades faz com que este outro se sinta motivado a participar desta busca por mudanças, bem como leva os sujeitos a caminhar para uma sociedade acolhedora, respeitosa, com dignidade, alteridade, cooperação, além de um olhar para o “ser” e não somente para o “ter”. Ao mediar a relação do sujeito com o mundo, a educação popular auxilia no reconhecimento que este sujeito fará de si e do outro, além de levar o indivíduo a tomar consciência de seu papel na sociedade. Paulo Freire já nos apontava este caminho quando defendia que o sujeito, ao ter consciência crítica e se reconhecer dentro da sociedade, sente-se capaz de confrontar o que lhe oprime e buscar mudanças para transformar a opressão em liberdade.

Concomitante a isso, a escola deve ter um currículo que considere os conhecimentos científicos e os saberes que as crianças trazem de casa, visto que elas vêm de realidades sociais distintas e são seres imersos em culturas diversificadas. Promover o diálogo intercultural e as relações entre os sujeitos é o que a escola precisa fazer para construir uma realidade pautada na participação e na qual os sujeitos sejam protagonistas de seu processo de aprendizagem, vendo a criança como sujeito de direitos e fazendo da educação o caminho para que ela saiba os direitos que possui e possa ter experiências que levem ao desenvolvimento de sua autonomia.

A Educação Popular, assim, consiste em uma educação comprometida com os direitos do povo, integrada na participação ativa dos sujeitos, é baseada no diálogo, sem imposições, baseando-se nos saberes populares. Na formação educacional propõe aos educandos uma formação voltada para o conhecimento cidadão e organização política para afirmação do indivíduo. Se houver o reconhecimento de que os seres humanos desde sua concepção tem direitos e já nascem inseridos em um contexto social e cultural, talvez os saberes que cada sujeito traz consigo venham construir novos significados e o processo de constantes movimentos que movem a Educação Popular construa meios para o empoderamento dos sujeitos, tornando-os atores no movimento da experiência social.



Segundo Streck (et al, 2014, p.49) entende-se “a educação popular como um processo de produção de conhecimento, voltado para a liberdade e para a democracia, que se recusa ao autoritarismo, manipulação e ideologização reproduzidas na lógica da educação de mercado”. Pensar em educação voltada para o povo e para democracia com viés a Educação Popular na sociedade atual torna-se um ato de rebeldia, pois os indivíduos parecem caminhar em sentido contrário, uma sociedade individualista, capitalista, que não sabe por onde trilhar, deixa para trás seus propósitos para ir em busca daquilo que parece ser a solução, privando-se de sua liberdade e deixando de exercer sua cidadania.

Nos dias em que a Educação sofre pelo descaso do governo, a condição humana se limita a obedecer aqueles que tem o poder e a humanidade acaba sendo manipulada, não tendo liberdade de expressão, colocando a educação como mecanismo de mercado, não valorizando aqueles que de fato estão dispostos a lutar pela democracia, justiça, dignidade dos sujeitos e reconhecimento.

Assim, pensar o sentido da Educação popular para a sociedade e para os sujeitos requer esforço, comprometimento de si e para com os outros e sabedoria, Paulo Freire traz a seguinte contribuição:

Gosto de ser gente porque, mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas em que nos achamos geram sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento de nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sei também que os obstáculos não se eternizam (1996, p.23).

Ter a compreensão de que o ser humano mesmo que inacabado, tem a possibilidade de contribuir na formação dos sujeitos e conseqüentemente na mudança da sociedade, em certos momentos nos desassossega e mobiliza, pois os indivíduos enquanto seres humanos são capazes de mudar o contexto em que estão inseridos. A Educação Popular em sua base denota o diálogo como conhecimento, em troca recíproca, pois, novas aprendizagens surgem através do próprio conhecimento dos sujeitos e a valorização dos seus saberes que podem gerar temas geradores na constituição de novas percepções.

A escola que coloca a criança no centro do processo educativo promove uma pedagogia baseada na participação que, conforme Formosinho, Kishimoto e Pinazza (2007), desenvolve as capacidades infantis utilizando-se de materiais e espaços instigadores, que respeitam os limites e o tempo de cada criança. O educador deve realizar um trabalho que promova a relação entre os pares, considere cada criança como ser cultural e capaz, além de proporcionar experiências significativas.



A criança demonstra a realidade através das brincadeiras, assim como revela traços de sua cultura e seu modo de vida, sendo na interação com outras crianças que ocorrem as trocas de saberes. Nesse sentido, o professor necessita ter um olhar atento para as brincadeiras infantis, pois elas revelam muito da cultura e da vida das crianças, além de serem colaboradoras no processo de construção da identidade e subjetividade das mesmas, produzindo efeitos e dando sentidos que se revelarão futuramente na forma com que este sujeito irá agir em sociedade.

Em suma, percebe-se a importância de refletir a Educação Popular com um viés investigativo, buscando a cooperação social para que os indivíduos possam usufruir de seus direitos como cidadãos pertencentes a um contexto histórico e cultural. Pensar em alternativas que possam ir ao encontro de possibilidades consistentes e construtivas, resgatando experiências tanto do passado como do presente, significando o mundo e colocando os sujeitos como protagonistas de sua própria história, atuando, se colocando no lugar do outro, pregando a democracia em busca de uma sociedade justa e digna. A Educação Popular requer seu fortalecimento através de movimentos constantes processuais.

Portanto, fica claro que a educação, em especial a educação popular, possui nas mãos a responsabilidade de buscar a mudança desta realidade imposta por uma sociedade individualista e opressora, utilizando-se da problematização e do debate para contribuir na tomada de consciência dos seres humanos e de seu reconhecimento como sujeitos capazes de confrontar a realidade para mudá-la. Através da cooperação, da alteridade, das relações entre os sujeitos, da busca pela liberdade e da participação é possível fazer uma educação voltada para os indivíduos e para o seu desenvolvimento. Assim, é diante desta educação que volta seu olhar para o sujeito e para o coletivo, que se tem nas mãos a possibilidade de mudança e de construção de um mundo justo, fraterno e humano.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *A ética é possível num mundo de consumidores?*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A Educação Como Cultura*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____, Carlos Rodrigues. *A educação popular na escola cidadã*. São Paulo: Editora Vozes, 2002.



XVIII

Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL

II Mestrado de Tecnologias
na Educação a Distância
III Mestrado de Trabalhos
Científicos do PIBIC
VI Curso de Práticas Socioculturais
Interdisciplinares
VIII Encontro Estadual de
Formação de Professores



CANDAU, Vera Maria. *Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença*. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v.13, n.37, jan/abr. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n37/05.pdf>>. Acesso em: 07.nov.2017.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; KISHIMOTO, Tizuko Morchida; PINAZZA, Mônica Appezato (org). *Pedagogia(s) da infância: dialogando com o passado: construindo o futuro*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um encontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FIGUEIREDO, José Wnilson; ANDRIOLI, Liria Ângela; FRANTZ, Walter. *Educação popular no contexto da globalização neoliberal*. Revista Educação em Questão, Natal, v.47, n.33, p.86 a 108, set./dez. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/5136/4113>>. Acesso em: 22.out.2017.

STRECK, Danilo (et al). *Educação Popular e Docência*. São Paulo: Editora Cortez, 2014.